

## A CORAGEM E A VISÃO AUSENTES

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor*, 07.09.1988

De volta da União Soviética, onde passei uma semana participando de um seminário sobre a segurança econômica internacional e aprendendo sobre a Perestroika, penso em escrever sobre minha viagem. Mas, ao chegar ao Rio de Janeiro, em trânsito para São Paulo, leio os jornais brasileiros e não posso deixar de me perguntar: como escrever sobre a economia internacional ou sobre a União Soviética quando a economia brasileira pega fogo, quando só se fala em crise, em fuga de capitais e em hiperinflação?

Mas é evidente que aquilo que debati lá está diretamente relacionado com o que vejo aqui. As Nações Unidas discutirão no próximo ano o problema da segurança econômica internacional e o seminário realizado em Moscou teve caráter preparatório desse debate. O mundo começa a perceber que talvez tão importante quanto a segurança política e militar é a segurança econômica, e nenhum tema é mais atual no Brasil do que este, porque vivemos hoje um momento de insegurança econômica sem outro precedente na história deste país senão o da crise do primeiro semestre de 1987.

Um sintoma dessa insegurança é a fuga de capitais. O Jornal do Brasil do último domingo apresentou uma reportagem completa sobre o assunto. Até o início dos anos oitenta o Brasil era um oásis nessa matéria. Enquanto os empresários do México e da Argentina enviavam bilhões e bilhões de dólares para o exterior, o Brasil, graças ao desenvolvimento econômico, a elevadas taxas de lucro internas e a taxas de juros positivas protegidas pelo sistema de indexação, pouco sofria com a fuga de capitais. A situação mudou drasticamente nos últimos anos. Segundo dados do Banco Mundial, entre 1983 e 1986 as remessas ilegais de dólares alcançou US\$ 12,8 bilhões contra US\$ 5,8 bilhões nos seis anos anteriores. Em 1988, entretanto, a fuga de capitais estaria alcançando níveis sem precedentes. Segundo estimativas do mercado financeiro somente neste ano estariam sendo transferidos para o exterior através do mercado paralelo US\$ 6 bilhões.

No mesmo dia, na Folha de S. Paulo, Rudiger Dornbusch afirma que caminhamos para a hiperinflação, e lembra que isto ocorrerá quando os investidores do

open perderem confiança na OTN e optarem pelo dólar. Nesse momento o governo não terá outra alternativa para financiar seu déficit senão a emissão de moeda, e nada mais segurará o espiral inflacionário. Edmar Bacha, no mesmo jornal, declara que se o governo pretende estabilizar a inflação ao nível de 20 por cento, é melhor que o presidente renuncie e deixe para outro a tarefa de por ordem na economia. Não é possível conviver com uma inflação nesse nível, muito menos estabilizá-la. Ainda que de forma oscilante, a inflação inercial tenderá a ser sempre crescente, caminhando inexoravelmente para a hiperinflação se medidas heróicas não forem tomadas.

Mas quem vai tomá-las? Na União Soviética a Perestroika é claramente uma medida de grande coragem que está sendo tomada. Para arrancar a economia de seu país da estagnação e do atraso Gorbachev tem a visão e a ousadia de iniciar uma reestruturação completa do sistema econômico. Os riscos de inflação e de desemprego são grandes, a burocracia resiste, uma boa parte do povo tem medo das reformas, mas elas estão sendo realizadas. O principal economista da Perestroika, Abel Aganbenkian, disse-me que a União Soviética não tem outra alternativa senão realizá-las.

O Brasil também não tem outra alternativa senão tomar medidas heróicas para resolver os principais problemas de sua economia em profunda crise: o déficit público, a dívida externa e a inflação. Não existe, porém, nem em suas elites dirigentes nem no governo a coragem e a visão necessárias para que essas medidas sejam tomadas. Resta o impasse.